



## XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste

UFMA - São Luís-MA  
De 30 de Maio a 01 de Junho de 2019.



### EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00670
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Universidade Estadual de Santa Cruz
<b>CAMPUS</b>	UESC
<b>CIDADE</b>	Ilhéus
<b>UF</b>	BA
<b>CATEGORIA</b>	CA
<b>MODALIDADE</b>	CA02
<b>TÍTULO</b>	A VOZ DAS MINAS
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Dayanna Monstans de França
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Comunicação Social
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Iago Climaco Patrocínio (Universidade Estadual de Santa Cruz); Betânia Maria Vilas Bôas Barreto (Universidade Estadual de Santa Cruz)

### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

O documentário A Voz das Minas (2018) traz um recorte do novo momento vivenciado pelas mulheres no cenário do rap. A narrativa gira em torno de 16 minutos, apresentando a trajetória de vida de cinco mulheres, que manifestam na sua emancipação, o encontro e a liberdade de suas vozes no espaço público. O rap como ferramenta de luta encontra na manifestação da palavra, um discurso de sobrevivência daqueles que durante séculos tiveram seus corpos e suas vozes silenciadas. O hip-hop, como fruto das produções artísticas e políticas vividas por uma cultura jovem e periférica, têm na raiz da sua existência a palavra como instrumento de combate às desigualdades sociais, de gênero e de classe. Englobando os três elementos culturais: o rap (música), o break (dança) e o grafite (artes visuais), o hip-hop traz na força da palavra cantada (rap) um meio de levar uma mensagem a juventude pobre e negra, abrindo caminho para que essa mesma juventude seja produtora do seu conhecimento e protagonista da sua história, pensamento que vai ao encontro do que leciona Andréia Moassab, em Brasil Periferia(s): a comunicação insurge do hip-hop (EDUC/FAPESP, 2011). Através da leitura de Sandra Mara Pereira dos Santos, em Discriminação do gênero feminino, denúncia e resistência das cantoras do rap brasileiro (REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DA EMOÇÃO, 2017), é possível extrair, que o rap, assim como qualquer outro espaço, ainda é um cenário dominado por homens, que evidenciam através de uma cultura machista, a dificuldade de compreender e incluir a pauta de gênero como essencial no que se refere as desigualdades sociopolíticas. Como principal alvo de um sistema dominado por homens, héteros e brancos, a mulher sofreu, no ato político da sua existência, não um tipo de violência, mas inúmeras opressões que se entrelaçam e se combinam em diferentes níveis e formas, tanto pelo gênero, como pela raça e por sua classe, em consonância com o que assevera Djamilia Ribeiro, no seu texto Feminismo negro para um novo marco civilizatório (ENSAIOS, 2016.). Pensando no espaço que hoje ocupam e no processo de resistência da luta feminista, sobretudo daquelas que foram postas à margem de uma sociedade racista e classista, é importante pontuar a crescente ascensão e representação da mulher nos espaços públicos. Se tratando especificamente da presença feminina no movimento hip-hop, dando foco ao rap, é essencial expor a forma como a mulher têm conquistado um lugar na rua para falar sobre si e sobre seu lugar no mundo. Entender as discussões que giram em torno da causa feminina, e sobretudo, da causa feminista, é adentrar em um assunto ainda pouco discutido e percebido, porque não dizer ignorado, que é a participação juvenil feminina nos espaços de representação pública, reflexo de um sistema que camufla e anula o protagonismo da mulher em posições de destaque, seja na música, na política, na arte, no cotidiano ou no trabalho. Este produto é o resultado de uma pesquisa realizada para a disciplina Oficina de Vídeo Educativo, do 7º Semestre do curso de Comunicação Social, da Universidade Estadual de Santa Cruz, que tem como principal objetivo provocar um diálogo voltado para trajetória da mulher jovem nos espaços de representação, bem como fomentar o diálogo das pautas de gênero, integrando a promoção da igualdade social e racial. A pedagogia presente no gênero musical é um importante atento as problemáticas que sinalizam diferentes desigualdades que precisam ser discutidas e transformadas no meio da comunicação.

### DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

O documentário como gênero não-ficcional se apropria da intenção de representar parte da realidade, proporcionando visões de mundo comum para que a exploremos e compreendamos, conforme bem assevera Bill Nichols, na sua Introdução ao Documentário (PAPIRUS, 2016). Transformando as pautas políticas em um roteiro criativo da realidade, o documentário A Voz das Minas (2018) teve como objetivo possibilitar, através de uma narrativa participativa, que as vozes femininas, que existem e resistem dentro da cena regional, fossem ouvidas e compartilhadas através de um diálogo entre as personagens e a sociedade por deste material. A base do roteiro se divide na; apresentação; discussão da voz da mulher na cena regional; a importância de ouvir rap; das questões de gênero enfrentadas cotidianamente no hip-hop; a relação do rap feminino com o feminismo; e do horizonte do olhar da mulher pela mulher; o machismo nas letras e como as mulheres podem lidar com ele. O mergulho essencial para entender as referências que cercam o histórico incipiente do hip-hop na região no sul da Bahia eixo Itabuna-Ilhéus parte da pesquisa anterior a construção do

roteiro, tomando por base Sandra Santos, em Discriminação do gênero feminino denúncia e resistência das cantoras do rap brasileiro (Revista Brasileira de Sociologia em Emoção, 2017). Utilizamos das leituras de Goppro (2000) e Birdman (2007) para entender o conceito das culturas juvenis; Sandra Santos (2017) para elucidar a discriminação e a resistência das cantoras do rap brasileiro; Djamilia Ribeiro (2016) para explicar o feminismo negro como um marco civilizatório; uma vez que estas mulheres além de sofrerem com a questão socioeconômica, lidam com uma sociedade machistas, racista e classicista; Freire (2013) para construir uma crítica responsável e pedagógica na condução da narrativa educacional na linguagem audiovisual; Nichols (2016) trazendo aspectos diversos do sentido de documentário e as vertentes que conduzem o gênero e Puccini (2007) para o entendimento de edição e montagem. Após a conceituação do objeto de estudo, foi utilizado um questionário online para mapear os jovens que se interessavam por essa temática e, sobretudo, quem eram as pessoas que produziam e consumiam o rap na localidade. A pesquisa teve enquanto principal resultado o reflexo da desigualdade que as mulheres sofrem com a pouca representatividade em comparação aos homens. Foram coletadas 62 respostas, sendo 43 respostas de mulheres e 19 respostas do contingente masculino. No que diz respeito ao gosto musical, 35 mulheres responderam ouvir mais rappers homens, 6 responderam ouvir mais rappers mulheres e 20 declararam não saber. Em comparação ao índice do gênero masculino, evidenciou-se, dentro a 19 respostas, que 11 declararam ouvir homens, 7 não souberam responder e 1 não respondeu. Este índice revela uma margem do reflexo nacional, em que a participação feminina é bastante inferior em relação a produção e a atuação entre os homens e mulheres. Bem como revelam a internalização por parte das mulheres ao machismo, fruto de uma cultura predominantemente hierárquica e simbolicamente estruturada no culto ao masculino. Podemos dizer essa reprodução do machismo acontece porque há um desconhecimento por parte do público das artistas feminina, bem como as questões que atravessam a valorização das mesmas dentro da Cultura Juvenil do hip-hop que, além de ser marginalizada, é majoritariamente masculina. Esse índice revela uma real necessidade de retratar a crescente busca por debates sobre as desigualdades, bem como a ínfima representação feminina no meio artístico, social e político. Desta forma, evidencia que o ato político analisado no produto está na dança, na música, na poesia, nas artes visuais, e principalmente na própria narrativa do documentário que conduz de forma linear as problemáticas que permeiam a inserção da representação feminina no rap.

### DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

O processo criativo e teórico do documentário passa por três fases distintas cujo decurso é ordenado pela pré-produção, produção e pós-produção. A pré-produção caracterizada pela fase inicial do processo de construção de uma ideia, é o ponto inicial para o desenvolvimento da equipe de trabalho. Trata-se, assim, de uma fase anterior às filmagens. Após a escolha temática - aqui se tratando da representação feminina no rap sul baiano - conhecer os mecanismos teóricos foi um elemento essencial que contribuiu para a consistência do processo prático. Definimos então blocos a ser pesquisados por; conceito de juventudes; representação da mulher jovem no espaço público; transformação social pela voz de jovens; representatividade feminina juvenil; e por fim; a participação feminina no rap nacional. Em seguida, criamos um questionário online, com perguntas direcionadas a esses blocos para facilitar o processo de mapeamento das mulheres rappers, DJ's e produtoras atuantes na região. Assim, partiu-se para a construção do roteiro de perguntas utilizada na pré-entrevista, onde traçamos o perfil das personagens, logo depois, iniciamos o reconhecimento de campo e a escolha de equipamento. A direção de fotografia na pesquisa de locação adotou a estética das ruas em uma composição urbana e clássica do hip-hop, utilizando do grafismo e das pichações para compor o contexto cenográfico em que seriam gravadas as entrevistas. A Produção é o segundo processo de um produto audiovisual, sendo o momento da realização do que foi planejado. Para compor a equipe da produção nesse momento priorizamos a participação de mulheres, considerando a importância do olhar feminino sobre a representação da narrativa e do discurso. Dessa forma, foram feitas as planilhas de gravações e a ordem do dia. Em campo utilizamos duas câmeras DSLR; a T3 e a 60D da linha canon, bem como um equipamento de áudio lapela e um suporte tripé. As gravações giraram em torno de sete dias sendo cinco dias de entrevistas e dois dias para as imagens de cobertura. Após o material ter sido produzido, inicia o processo de decupagem, transcrição das imagens e das falas, sendo o momento em que o diretor constrói o ponto de vista do que será apresentado. O trabalho da montagem passa por um processo de filtragem de informação. (PUCCINI, 2007). Assim como é necessária, na criação de um texto, a combinação de palavras que dão sentido ao enunciado, a edição também faz parte de um recurso técnico e criativo audiovisual, a qual busca formar uma relação lógica e dialética entre quem constrói e quem recebe a mensagem. Essa relação entre texto e imagem no documentário combina um sentido narrativo que utiliza da linguagem juvenil para compor uma estética contemporânea. Assim, foi utilizada da computação gráfica para relacionar as transições dinâmicas com uma intensidade de cortes, mixagem de sons e imagens, bem como fragmentos visuais do efeito glitch e paleta de cor neon. Afim de criar uma estética performática que apresentasse a história de vida das personagens, mas também servisse como um meio de promover a imagem das mesmas, a montagem traz como referência a identidade dos vídeos de rap dos anos 1980. Para isso foram utilizados efeitos sonoros, trilha sonora e a inserção das performances, de forma que o documentário ficasse dinâmico e fluído próximo a identidade das plataformas digitais, adotando um estilo high-tech, resgatando o visual das incrustações de janelas, bem como ressignificando este sentido para o meio tecnológico.